



SÍNTSE DE NOTÍCIAS N° 0142/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 29/05/2025

Ministro das Relações Exteriores saudita recebe enviado dos EUA à Síria



Durante a reunião, eles discutiram medidas para fornecer apoio econômico, humanitário e de outros tipos ao povo sírio.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, recebeu ontem em Riade o enviado dos EUA à República Árabe da Síria, Thomas Barrack. Durante a reunião, eles discutiram medidas para fornecer apoio econômico, humanitário e outros ao povo sírio, disse o Ministério das Relações Exteriores saudita em um post no X. Enquanto isso, o vice-ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Waleed Elkhereiji, recebeu ontem em Riade o embaixador da Itália no Reino, Carlo Balducci. Eles discutiram relações bilaterais e outros tópicos de interesse comum. **Fonte-Arab News.**

Ministro da Defesa saudita conversa com autoridades de segurança e defesa do Reino Unido



O ministro da Defesa saudita, Príncipe Khalid bin Salman, reuniu-se em Londres com o secretário de Defesa do Reino Unido.

O ministro da Defesa do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Khalid bin Salman, conversou ontem com o conselheiro de Segurança Nacional do Reino Unido, Jonathan Powell, em Londres. Os dois lados "revisaram a forte amizade e parceria estratégica entre o Reino da Arábia Saudita e o Reino Unido", informou a Agência de Imprensa Saudita. "Eles também revisaram áreas de cooperação e discutiram desenvolvimentos regionais e globais, bem como esforços contínuos para apoiar a segurança e a estabilidade." As conversas seguiram uma reunião entre o Príncipe Khalid e o secretário de Defesa britânico, John Healey, durante a qual discutiram a cooperação estratégica de defesa. **Fonte-Reuters.**

Liga Árabe saúda mudança da UE em relação a Israel à medida que o discurso ocidental começa a mudar

A Liga Árabe saudou ontem a mudança no discurso ocidental sobre o conflito em Gaza, elogiando a "grande maioria" dos Estados-membros da UE que apoiam uma revisão da parceria UE-Israel. Pelo menos 17 dos 27 Estados-Membros da UE apelam a uma revisão do Acordo de Associação UE-Israel. Essa revisão, iniciada por uma proposta da Holanda, está enraizada no requisito fundamental do acordo para a adesão aos direitos humanos e aos princípios democráticos.

A liga observou que muitos governos ocidentais, vozes influentes nos sectores político, civil, intelectual e de imprensa começaram a expressar profunda preocupação com a situação humanitária catastrófica na Faixa de Gaza e nos territórios palestinos ocupados. Por um tempo, esses actores foram influenciados pelas narrativas israelenses em torno dos eventos de 7 de outubro de 2023, permanecendo em grande parte confinados a um discurso enfatizando "o direito

de Israel à autodefesa", disse um comunicado da Liga Árabe. A brutalidade cada vez mais "visível das operações militares contra civis - especialmente mulheres e crianças - abalou a credibilidade desse argumento", disse o comunicado.

A Liga Árabe enfatizou que tal narrativa se mostrou vazia diante das violações generalizadas do direito internacional humanitário.

A Liga disse que posições resolutas destinadas a reconhecer o Estado da Palestina, ameaçar sanções contra Israel, proibir a venda de armas, congelar as negociações de livre comércio e proibir a importação de produtos de colonos representam passos significativos para aumentar a pressão internacional para acabar com a guerra. Essas medidas oferecem um prelúdio encorajador para uma compreensão mais precisa e justa desse conflito de longa data, alinhado com a visão de uma solução de dois Estados, disse a liga. A recente Conferência de Madrid, com a presença do secretário-geral da Liga Árabe, marcou um esforço diplomático significativo para enfrentar a crise em curso. O encontro teve como objectivo explorar uma solução política viável para o conflito, enfatizando uma solução de dois Estados. Enquanto isso, as contínuas incursões israelenses na Cisjordânia e as acções cada vez mais provocativas em Jerusalém aumentaram ainda mais as tensões. Líderes regionais e organizações de direitos humanos alertam que o conflito atingiu um ponto baixo perigoso, marcado por violações sistemáticas do direito internacional. **Fonte-Reuters.**

[**Embaixada do Reino da Arábia Saudita coordenando com a Turquia para encontrar menino que caiu em um riacho**](#)



A Embaixada do Reino da Arábia Saudita na Turquia confirmou ontem que está coordenando com as autoridades turcas a busca por uma criança saudita que supostamente caiu no riacho Haldizen, na região de Uzungol.

A Embaixada do Reino da Arábia Saudita na Turquia confirmou ontem que está coordenando com as autoridades turcas a busca por uma criança saudita que teria caído no riacho Haldizen, na região de Uzungol.

De acordo com a Agência de Imprensa Saudita, a embaixada emitiu um comunicado esclarecendo os relatos que circulam nos meios de comunicação e nas plataformas de sociais sobre o incidente na província de Trabzon. "Desde os primeiros momentos do incidente, a embaixada coordenou com a família da criança e contactou as autoridades turcas relevantes para investigar o incidente", disse o comunicado. "As autoridades responderam e estão realizando extensas buscas na área e arredores para localizar a criança. Pedimos a Deus Todo-Poderoso que coroe esses esforços com sucesso e proteja a todos de todo mal", acrescentou. **Fonte-Reuters.**

[Surto de cólera na capital do Sudão mata 70 pessoas em dois dias](#)



Um surto de cólera na capital do Sudão matou 70 pessoas em dois dias, disseram autoridades de saúde, enquanto Cartum luta contra uma epidemia que se espalha rapidamente em meio ao colapso dos serviços básicos.

O Ministério da Saúde disse que registrou ontem 942 novas infecções e 25 mortes, após 1.177 casos e 45 mortes na passada terça-feira. O aumento nas infecções ocorre semanas depois que ataques de drones atribuídos às Forças de Apoio Rápido (RSF) paramilitares derrubaram o fornecimento de água e electricidade em toda a capital.

O governo apoiado pelo exército anunciou na semana passada que havia desalojado os combatentes das RSF de suas últimas posições no estado de Cartum dois meses depois de retomar o coração da capital dos paramilitares. A Grande Cartum foi um campo de batalha durante grande parte dos dois anos anteriores e sofreu danos maciços à habitação e à infraestrutura. O surto de cólera aumentou ainda mais a pressão sobre um sistema de saúde já sobre carregado. **Fonte-Reuters.**

Islamabad diz que Kuwait suspendeu proibição de vistos para paquistaneses



O governo do Paquistão confirmou esta semana que o Kuwait suspendeu uma proibição de vistos para cidadãos paquistaneses e retomaria a emissão de vistos de trabalho, família, visita, turismo e negócios.

O Kuwait parou de emitir vistos para cidadãos do Paquistão, Irão, Síria e Afeganistão, citando difíceis condições de segurança nos países. "O Kuwait suspendeu a proibição de vistos para cidadãos paquistaneses, retomando a emissão de vistos de trabalho, família, visita, turismo e negócios, uma grande conquista diplomática e um passo em direcção a uma cooperação bilateral mais profunda", anunciou o governo do Paquistão em sua conta oficial X.

"Esta decisão histórica abre caminho para um melhor contacto entre as pessoas, oportunidades de força de trabalho e laços econômicos mais fortes entre as duas nações." Em maio de 2021, o Kuwait decidiu retomar a concessão de vistos a famílias e empresários paquistaneses. Também foi decidido durante a reunião que o Kuwait emitiria vistos técnicos para trabalhadores paquistaneses nas áreas médica e petrolífera. O embaixador do Paquistão no Kuwait, Dr. Zaffar Iqbal, emitiu uma declaração sobre a retomada dos vistos.

"Os membros da comunidade já começaram a receber aprovações, marcando um passo positivo", disse ele. Separadamente, o embaixador disse que o Paquistão e o Kuwait estavam nos estágios avançados de finalização de um novo memorando de entendimento trabalhista (MoU). O Paquistão estabeleceu relações diplomáticas com o Kuwait em outubro de 1963. **Fonte-Arab News.**

Israel autoriza mais assentamentos judaicos na Cisjordânia ocupada



Agricultores colhem trigo em um campo parcialmente queimado que teria sido incendiado por colonos israelenses nos dias anteriores, na aldeia palestina de Khirbet Abu Falah, a nordeste de Ramallah, na Cisjordânia ocupada, em 28 de maio de 2025.

Israel disse ontem que estabelecerá 22 novos assentamentos judaicos na Cisjordânia ocupada. Eles incluiriam novos assentamentos e a legalização de postos avançados já construídos sem autorização do governo. Israel capturou a Cisjordânia na guerra do Médio Oriente de 1967 e os palestinos querem que ela seja a parte principal de seu futuro Estado. **Fonte-Reuters.**

Mercado de dívida do Qatar ultrapassará US\$ 150 bilhões com emissão estável



Em seu último relatório, a Fitch Ratings disse que o DCM do Qatar expandiu 13% ano a ano nos primeiros quatro meses de 2025, elevando o volume pendente para US\$ 131,8 bilhões.

O mercado de capitais de dívida do Qatar deve ultrapassar US\$ 150 bilhões a médio prazo, apoiado pelo impulso contínuo na emissão nos segmentos soberano, bancário e corporativo, de acordo com uma nova análise. Em seu último relatório, a Fitch Ratings disse que o DCM do Qatar expandiu 13% ano a ano nos primeiros quatro meses de 2025, elevando o volume pendente para US\$ 131,8 bilhões. A análise observou que os emissores soberanos representaram a maioria com 60%, enquanto os bancos e as empresas contribuíram com 26% e 14%, respectivamente. O estudo posiciona o crescimento do Qatar dentro das tendências mais amplas do Conselho de Cooperação do Golfo, onde o DCM geral

da região ultrapassou US\$ 1 trilhão em novembro, impulsionado por receitas robustas de petróleo. Em uma actualização de fevereiro, a Fitch projectou que o GCC continuará entre os principais emissores de dívida denominada em dólares dos mercados emergentes até 2025. **Fonte-Arab News.**

[**Enviado dos EUA para a Síria chega a Damasco para visita histórica**](#)

O enviado dos Estados Unidos para a Síria, Thomas Barrack, chegou hoje à residência do embaixador na capital síria, na primeira visita oficial desde que a embaixada dos Estados Unidos fechou no país em 2012, um ano após o início do conflito na Síria. Barrack, acompanhado pelo ministro das Relações Exteriores da Síria, foi nomeado para o cargo na Síria em 23 de maio. Ele também é o embaixador dos EUA na Turquia. **Fonte-Reuters.**

[**Zelensky propõe encontro a três com Trump e Putim**](#)



O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, disse que estava "pronto" para uma reunião "Trump-Putin-eu".

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, convocou uma cúpula de três vias com Donald Trump e Vladimir Putin, enquanto busca forçar Moscovo a interromper sua invasão de três anos. O presidente russo, Putin, rejeitou os pedidos para se encontrar com Zelensky na Turquia no início deste mês e o Kremlin disse que uma reunião entre os dois líderes só aconteceria depois que algum tipo de "acordo" fosse alcançado.

O presidente dos EUA expressou frustração com Putin e Zelensky por ainda não terem chegado a um acordo para acabar com a guerra. Os dois lados trocaram ondas de ataques aéreos maciços nas últimas semanas, com a Ucrânia disparando quase 300 drones contra a Rússia durante a noite, disse o Ministério da Defesa em Moscovo. "Se Putin não se sentir confortável com uma reunião bilateral, ou se todos quiserem que seja uma reunião trilateral, não me importa. Estou pronto

para qualquer formato", disse Zelensky em comentários a jornalistas que foram publicados ontem. O líder ucraniano disse que estava "pronto" para uma reunião "Trump-Putin-eu" e também pediu a Washington que atingisse Moscovo com um pacote de sanções contundentes em seus sectores bancário e de energia. "Estamos aguardando sanções dos Estados Unidos da América", disse Zelensky.

"Trump confirmou que, se a Rússia não parar, sanções serão impostas. Discutimos dois aspectos principais com ele - energia e sistema bancário. Os EUA poderão impor sanções a esses dois sectores? Eu gostaria muito disso." O líder ucraniano já havia expressado frustração com Washington por não ter anunciado novas sanções contra Moscovo depois que a Rússia rejeitou um apelo ocidental coordenado por um cessar-fogo imediato. "O que Vladimir Putin não percebe é que, se não fosse por mim, muitas coisas realmente ruins já teriam acontecido com a Rússia, e quero dizer MUITO RUIM. Ele está brincando com fogo!" Trump escreveu em sua rede Truth Social. Apesar de meses de diplomacia liderada pelos EUA, os dois lados não parecem mais perto de fechar um acordo para encerrar a guerra de três anos, desencadeada pela invasão da Rússia em fevereiro de 2022. Dezenas de milhares foram mortos, grande parte do leste e do sul da Ucrânia foi destruída e o exército de Moscovo agora controla cerca de um quinto do território da Ucrânia, incluindo a península da Crimeia, que a Rússia anexou em 2014. Horas depois de Zelensky falar, a Ucrânia lançou uma de suas maiores barragens de drones na Rússia, onde as autoridades relataram apenas danos mínimos dos ataques.

Erdogan pede que Rússia e Ucrânia não 'fechem a porta' nas negociações



O presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdogan, pediu à Rússia e à Ucrânia que não "fechem a porta" para o diálogo.

O presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdogan, pediu à Rússia e à Ucrânia que não "fechem a porta" para o diálogo antes de uma reunião antecipada na passada segunda-feira em Istambul entre autoridades de ambos os lados. "Estamos em

contacto com a Rússia e a Ucrânia... Estamos dizendo a eles para não fecharem a porta enquanto ela permanecer aberta", disse ele hoje à presidência turca. A Rússia disse ontem que queria novas negociações com a Ucrânia em Istambul na próxima segunda-feira para apresentar seu plano para um acordo de paz, mas Kieve disse que precisava ver a proposta com antecedência para que a reunião produzisse resultados. "Durante cada uma de nossas reuniões, lembramos aos nossos interlocutores que eles não devem deixar passar esta oportunidade", disse Erdogan, acrescentando que: "extinguir este enorme incêndio em nossa região ... é um dever humanitário".

O ministro das Relações Exteriores da Turquia, Hakan Fidan, que se encontrou com o presidente russo, Vladimir Putin, em Moscovo na passada segunda-feira, deve viajar hoje para Kieve antes de uma reunião com o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky. Os esforços diplomáticos para acabar com o conflito de três anos se aceleraram nos últimos meses, mas Moscovo rejeitou repetidamente os pedidos de cessar-fogo incondicional e não mostrou sinais de reduzir suas demandas. Os dois lados se reuniram anteriormente em Istambul em 16 de maio, suas primeiras conversas directas em mais de três anos. Esse encontro não rendeu avanços. **Fonte-Reuters.**

[**Rússia critica ataques israelenses a Gaza como "punição colectiva" a civis**](#)



O ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov.

O ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov, criticou hoje os ataques israelenses a Gaza como "punição colectiva da população civil", em algumas das críticas mais fortes de Moscovo a Israel à medida que intensifica sua ofensiva. Lavrov disse que "as medidas tomadas por Israel" em resposta ao ataque de 7 de outubro pelo Hamas "constituem punição colectiva a população civil", chamando o que estava acontecendo em Gaza de "incompreensível e indescritível". **Fonte-Reuters.**

○ rude despertar da Europa ao confrontar Israel



OSAMA AL-SHARIF

27 de maio de 2025



Fumaça sobe acima de prédios destruídos durante o bombardeio israelense em Gaza. 27 de maio de 2025.

Os líderes europeus estão passando pelo que só pode ser descrito como um despertar rude enquanto lutam para responder ao conflito devastador que assola Gaza e à onda de protestos anti-Israel que varrem suas nações.

Após quase 19 meses de escalada de violência, a Europa está finalmente acordando para sua responsabilidade colectiva – não apenas como união política, mas como Estados individuais e comunidade cultural compartilhada – de lidar com o que se tornou uma profunda ferida moral na consciência da humanidade.

Israel há muito representa uma questão sensível e vulnerável para as nações europeias, moldada não apenas pelo trauma histórico da perseguição nazista, mas também por séculos de antisemitismo europeu e opressão das comunidades judaicas.

Enquanto o Reino Unido assumiu o papel controverso de transferir a Palestina - a pátria dos palestinos - para o movimento sionista, muitos outros estados europeus não conseguiram contestar essa transferência territorial histórica e contenciosa.

Aqui estamos hoje: décadas depois que Israel ocupou territórios palestinos, deslocou milhões, criou uma vasta diáspora palestina e cometeu inúmeras violações contra os habitantes legítimos, agora enfrentamos um conflito que as

próprias autoridades israelenses reconhecem que pode resultar em milhões de pessoas sendo mortas ou expulsas de suas casas ancestrais.

7 de outubro de 2023 marcou um divisor de águas. No entanto, a resposta de Israel a esse ataque não pode justificar a morte de mais de 54.000 pessoas, a maioria civis. Com os planos actuais de Israel de reocupar Gaza, dezenas de milhares de pessoas podem perecer. Os líderes europeus já haviam mudado de um apoio inabalável a Israel para uma postura mais cautelosa e crítica em relação a seus métodos e objectivos. Mas quando o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu impôs um bloqueio total à ajuda humanitária a mais de 2 milhões de palestinos, a barragem finalmente se rompeu. Imagens de dezenas de milhares de civis se aglomerando desesperadamente em busca de alimentos escassos em condições horríveis galvanizaram milhões de pessoas em todo o mundo em protestos.

A Europa há muito que se distingue na cena mundial como defensora dos direitos humanos. Gaza expôs uma vulnerabilidade gritante nessa reputação. A UE – a maior conquista política da Europa, incorporando valores compartilhados – agora se encontra presa em uma posição quase impossível.

A UE optou por se aventurar em território político desconhecido para defender seus princípios fundamentais enquanto se esforça por uma acção unificada. Vários países - Espanha, Irlanda e Noruega (embora não sejam membros da UE) - reconheceram no ano passado a Palestina como um Estado, elevando o número total de países do bloco que reconhecem o Estado palestino para 10.

Mais notavelmente, o Reino Unido e a França agora estão à beira de reconhecer a Palestina. Embora isso marque um progresso diplomático significativo, muda pouco no terreno. Israel ameaçou retaliação contra países que reconhecem a Palestina. O ministro das Relações Exteriores de Israel, Gideon Sa'ar, alertou que, se grandes potências como Grã-Bretanha e França reconhecerem formalmente a independência palestina, Israel responderá anexando terras ocupadas na Cisjordânia. Mas Israel já confiscou grandes porções da Cisjordânia, com ministros de extrema-direita prometendo expansão contínua independentemente.

Tais ameaças israelenses eram previsíveis. Mas a Europa pode e deve ir mais longe para reforçar a sua posição em evolução. Pela primeira vez, os países europeus estão debatendo seriamente sanções contra Israel, incluindo restrições comerciais e embargos de armas. Enquanto isso, Israel continua a autorizar novos assentamentos na Cisjordânia, violando repetidamente o direito internacional.

As nações europeias podem buscar três acções concretas: sancionar Israel por violar o direito internacional em Gaza e na Cisjordânia; reconhecer o Estado

palestino; e apoiar investigações internacionais sobre supostos crimes de guerra e genocídio israelenses.

Israel resistirá a todas as três medidas. A resposta mais previsível serão acusações de antisemitismo. Mas essas alegações hoje carecem de credibilidade. Muitas vozes judaicas surgiram condenando as acções de Israel em Gaza, traçando uma distinção clara entre o sofrimento histórico dos judeus e as actuais políticas israelenses. Além disso, a UE como um órgão colectivo detém uma influência significativa para forçar mudanças na política israelense. No entanto, a UE tem de agir em unidade. Actualmente, menos da metade de seus membros reconhecem o Estado palestino.

A Europa foi pioneira no reconhecimento dos direitos palestinos na década de 1980 com a Declaração de Veneza. Desde então, no entanto, a UE tem se submetido em grande parte à liderança dos EUA no processo de paz, culminando nos Acordos de Oslo. Subsequentemente, a UE forneceu milhares de milhões em ajuda à Autoridade Palestiniana, mas não conseguiu impedir as violações israelitas desses acordos ou a destruição de projectos palestinianos financiados pela UE.

Para que a UE e os estados europeus confrontem Israel efectivamente hoje, eles devem se libertar do domínio político dos EUA. A UE ainda pode defender organismos internacionais que defendem o direito internacional. Enquanto os EUA se retiram dessas bases legais, a UE pode emergir como defensora da ordem mundial, defendendo os direitos humanos e a governança baseada em regras.

O rude despertar da Europa pode não alterar imediatamente a trajectória da violência em Gaza. Mas isso fará a diferença. Israel não pode sobreviver como nação enquanto ignora a condenação internacional e a ameaça de sanções por suas acções. Se busca existir como um estado normal, deve encerrar sua campanha em Gaza e reconhecer os palestinos como iguais.

Osama Al-Sharif é jornalista e comentarista político baseado em Amã- Jordânia. X: @plato010

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.

